

CONSTRUÇÃO COMPARTILHADA DE UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA

Helena Machado de Paula Albuquerque¹

Resumo

Em setembro de 2003 iniciamos, a partir de um convênio entre a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e o IPF, uma assessoria a dois Centros Educacionais Unificados - CEU, criados no Município de São Paulo com o objetivo de ajudar a construção do Conselho Gestor e do projeto educativo do CEU, dentro de princípios de uma gestão democrática norteadas pelo pensamento freireano. Nesta comunicação apresentamos o processo vivenciado nessa instituição educacional, potencialmente inovadora, na qual atuam três Secretarias Municipais: Educação, Esporte e Cultura. Procuramos ajudar o rompimento com uma cultura de exclusão e privilégio ao individualismo e reforçar a apropriação do espaço pela comunidade escolar e local, conferindo-lhe direitos de cidadão, de acesso à cultura, conhecimentos tecnológicos, lazer, atividades físicas.

Em setembro de 2003 iniciamos, a partir de um convênio entre a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e o IPF, uma assessoria a dois Centros Educacionais Unificados-CEUs. Situados nas zonas periféricas do município onde há os maiores bolsões de pobreza, alta demanda escolar e exclusão social, visam oferecer educação de forma integrada e numa perspectiva ampla. Apresentamos o processo vivenciado nessa instituição educacional, potencialmente inovadora, na qual atuam três Secretarias Municipais: Educação, Esporte e Cultura. Procuramos ajudar o rompimento com uma cultura de exclusão e valorização do individualismo e reforçar a apropriação do espaço pela comunidade escolar e local.

Ao sermos convidadas para participar do grupo de docentes que deveriam assessorar os Centros de Educação Unificada - CEUS, orientando-os e apoiando-os para a formação do Conselho Gestor e construção do Projeto Educativo, percebemos de imediato o grande desafio que isto representava. Para enfrenta-lo, nos apoiamos na nossa formação acadêmica, nas teorias sobre gestão democrática, na experiência adquirida na nossa prática educativa, e principalmente nos princípios da Pedagogia Freireana. O Conselho Gestor deve possibilitar a participação da comunidade local na gestão do CEU. Rompidos os muros, todos que habitam um determinado espaço geográfico devem ser envolvidos, assumindo os deveres com o processo educativo que ali se realiza e usufruindo direitos do cidadão de acesso à cultura, ao lazer e ao convívio social que o espaço possa propiciar. A ação articulada das três Secretarias amplia a riqueza de oportunidades para a população. Tal não se faz sem diálogo e este só frutifica, quando a relação se funda no respeito mútuo como pessoas, seres humanos. Para Paulo Freire... *o diálogo é uma exigência existencial... A conquista implícita no diálogo, é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro* (1980: 93). Quer-se um Conselho Gestor que efetive a tarefa de construir um projeto

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Instituto Paulo Freire

pedagógico, para uma instituição que se pretende aglutinadora de potencialidades, educadora, transformadora de um espaço, de uma pessoa, de muitas pessoas, flexível, independente, que atenda as demandas públicas, evitando que o CEU se torne mais uma iniciativa que cause frustração. O Conselho Gestor deve ser o *lócus* onde todos possam exercer o direito de falar e ouvir, um espaço democrático e democratizante, onde a esperança e crença mútua nas diferentes potencialidades possibilitem a ação coletiva para a construção do projeto pedagógico institucional do CEU. Como fazer isso?

O ENFRENTAMENTO

Direcionadas pelo desejo de alcançar os objetivos aos quais nos propusemos, assumimos na sua totalidade o desafio de não falar em gestão democrática e participação, mas fazê-las ajudando com a nossa postura a sua multiplicação em cada CEU, já que as percebemos como condição fundamental para a Construção do Conselho Gestor e do seu Projeto Pedagógico. Temos exercido a arte de ouvir, flexibilizando nosso olhar para apreender o todo e o detalhe, o significado amplo e as características específicas de cada CEU. Estamos lidando com uma realidade social na qual predominam vidas engendradas na miséria econômica e cultural e que temos de conhecer não superficialmente, mas profundamente se nossa intenção é ajudar as pessoas na conquista de sua cidadania. O exemplo de Paulo Freire tem nos facilitado o contato com os CÉUS, como parceiros interessados e humildes, mas, ao mesmo tempo pretensiosos nas nossas intenções de concretizar um novo tipo de Instituição Educacional, que inclui porém ultrapassa a dimensão estritamente escolar. Para ele, *um dos saberes primeiros, indispensável a quem, chegando à favela ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como determinação* (p.79, 2000).

O trabalho desafiador ainda é incipiente, exigindo cuidado e auto-supervisão contínuos para não perdermos o já conquistado, para não resvalarmos, afastando-nos dos objetivos, tantas têm sido as descobertas e variáveis intervenientes não previstas, desde as características das demandas da comunidade, necessidades decorrentes das instalações físicas do prédio, até às peculiaridades de formação e personalidade de cada gestor. São dificultadores: o esforço exigido para criar uma cultura de participação a partir de uma cultura de individualismo, de exclusão; a desorganização do povo amarrado à idéia de *ser menor*, incapaz de cobrar direitos, acostumado a um cotidiano de menosprezo e desvalorização pessoal; o custo financeiro para a manutenção do CEU, o curto espaço para compreensão e execução de uma idéia, a alta densidade populacional da região onde está localizado. O projeto e a sua transformação em realidade com autonomia para perdurar e aperfeiçoar-se como instrumento de inclusão e participação, para além de um período de governo, dependem da população. Participar no CEU será simultaneamente expressão e desenvolvimento da sua apropriação pela comunidade. Os registros de nossa ação, evidenciam o aprendizado do respeito mútuo, da participação, da formação de um grupo plural que, sem anular diferenças, constrói consensos que ajudam o crescimento de todos, como seres humanos e cidadãos. Concluímos com uma observação que registramos em

Relatório: *Não conseguimos deixar de reconhecer olhando o imenso amontoado de casas do entorno, que abrigam tantas pessoas, como o CEU está transformando a história de vida de cada uma delas. Certamente crianças e adolescentes com possibilidade de exploração de espaços culturais, educativos e de lazer, não terão tempo, disposição e interesse para se tornarem marginais. O benefício social do CEU, nesse sentido, é incalculável* (2004). Nosso desejo é que esse projeto tenha continuidade como política pública e conquista popular.

Bibliografia

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

CEU. *A cidadania decolando em São Paulo*. São Paulo: P M SP, 2003.